

Kadical Paulistano

CAPITAL

Trimestre	38000
Semestre	68000
Anno	128000

ORGAN DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, SABBADO 3 DE JULHO DE 1869

PROVINCIAS

Trimestre	48000
Semestre	78000
Anno	138000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas :

Descentralização :
Ensino livre ;
Polícia electiva ;
Abolição da guarda nacional ;
Senado temporário e electivo ;

Extinção do poder moderador ;
Separação da judicatura da polícia ;
Sufragio directo e generalizado ;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre ;
Presidentes de província eleitos pela mesma ;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunais superiores e poder legislativo ;
Magistratura independente, incompatível, e a escolha de seus membros fora da ação do governo ;

Proibição aos representantes da nação de aceitarem nomeação para empregos públicos e igualmente títulos e condecorações.
Os funcionários públicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 RS.

RADICAL PAULISTANO

O Caxias do Centro Liberal

Nós, democratas por princípio, não para fazer carreira, estamos há muito afetos a discernir o verdadeiro sentido das evoluções partidárias com que os aulicos de todas as cores fazem política em torno do solio pontifício de d. Pedro II.

Estamos da mesma sorte afetos a denunciar ao paiz o māo intento d'aquelas manobras, cumprindo assim um rigoroso dever de sinceridade e patriotismo.

Em cumprimento d'esta tarefa, devemos chamar a atenção do paiz para as estranháveis bajulações com que os recentes democratas da grey partidaria, organizada pelos srs. Zacharias e Nabuco, estrugem os echos da patria em honra do nosso futuro rei o sr. conde d'Eu.

A Reforma, organ oficial d'aquela grey, não ommitte ensejo de elevar o rei de amanhā ás maiores alturas; sua linguagem e a linguagem individual dos mais conspicuos chefes da grey correin paralelas e em muitos pontos excedem ás laudanhas erguidas pelos conservadores ao general Caxias, antes e depois de sua desergão do teatro da guerra.

Um dos mais distintos ornamentos da grey progressista reformada, entre outros pedaços característicos, escreveo na Reforma as seguintes linhas a respeito do novo Caxias :

« Parece não desejar (o sr. Gastão de Orleans) que a adulção o chame de Aníbal, Cesar ou Napoleão : mas com o seu jovial temperamento e dotes militares, faz lembrar que é descendente de Henrique IV. »

Se taes homens fossem os seus verdadeiros representantes, a democracia brasileira estaria perdida, e com ella o futuro da causa popular.

Um democrata, um patrono da liberdade americana não pôde fazer genuflexões taes á raça malditá dos despotas europeus, sem grande abjeção.

Quem autorisou aos aulicos da grey Zacharias a arrastar tão baixo os brios americanos da nação brasileira ?!

Quem lhes deu o direito de afivelar no rosto a mascara da democracia, transformando de tal arte em abjecta comédia de truões a causa sacrosanta de um grande povo americano !!

Se querem a todo transe um senhor, é fácil a realização do empenho : tomem a libré do descendente de Henrique IV, mas dispam antes a clamide dos Grã-chos.

O povo brasileiro não precisa de Aníbales ou Cezares, prefere um Washington ou um Lincoln.

Na America o symbolo da força social não é a espada, é o arado. O symbolo da soberania não é o brasão dynmasticó, é o gorro frigio.

Os conservadores, aulicos por princípio e doctrina, estavam no pleno direito de enfeozar o general Caxias e subir pela sua espada aos andaimés do poder. Se fizera com isso um grande mal á nação, foi um mal lógico, um corollario de seu sistema político. Em rigor não se lhes pôde atribuir um crime, porque o seu acto está mais ou menos acoberto pela intenção doctrinaria.

Mas, aos que pretendem-se democratas, chefes e sectários da doctrina liberal, um facto semelhante é cosa mais seria : é uma infâmia e uma traição.

Infâmia, porque é a venda degradante dos brios de tribuno popular em troca dos sorrisos e favores de um príncipe, rei de alcova.

Traição, porque é vender o povo, como Christo foi vendido por Judas, como Benjamim foi entregue ao senhorio dos mercadores egypcios.

— Mas o sr. conde d'Eu é liberal ; dizem os aulicos !

E' argumento de trahidores.

Gaston de Orleans é um instrumento gymnastico de d. Pedro II. Seu destino na America é proliferar a raça de Bragança ; é dar senhores ao povo brasileiro, e ser elle mesmo senhor, embora através dos cortinados do leito conjugal.

O lencinho branco de seu liberalismo e as intrigas palacianas entre o rei de hoje e o rei de amanhā, são embustes, ou nascidos de ambigües proprias, ou de capciosa combinação firmada entre sogro e genro.

Os novos liberaes da Phenix Zacharias e Nabuco são bastante sabidos em politica, para que seja havida como simpleza de papavos a santa ingenuidade com que curvam o joelho deante do liberalismo do descendente de Henrique IV.

Illudem-se a si mesmos os innocentes thuriferarios do rei liberrimo ; não iludem o povo, que através do manto plebeo encheria os galões da farda palaciana, que ainda conservam da quadra feliz em que montavam guarda nas escadas de S. Christovão.

Já se foi o bom tempo da politica pretoriana.

Hoje o povo tem os olhos abertos, e a luz da liberdade illumina os horizontes da patria.

Os saltimbancos podem embrulhar a trouxe e despejar a feira.

O que fez e o que devia ter feito o sr. d. Pedro II

Feita a revolução de 7 de Abril, e expelido do trono d. Pedro I, viu-se este forçado a abdicar em seu filho a coroa do Brasil. O povo que havia castigado o seu primeiro imperador, arrancando-lhe o poder, recebeu com amor e contentamento esta abdicação, porque acreditava que o menino, nascido neste solo livre da America, criado e defendido por elle, havia de saber amar os brasileiros, amando a liberdade e as instituições.

Nestas condições, tendo os liberaes feito a revolução de 1831, não procuraram banir a monarquia do imperio, mas pelo contrario, consolidala na pessoa dessa criança, que no futuro devia ser o seu imperante, e que teve por defensores aquelles que mais tarde deviam ser por elle lançados ao ostracismo e ás perseguições.

Assim, os liberaes tiraram ao pai a coroa, para dal-a ao filho, na crença de que este, grato por este supremo favor que o povo lhe concedia, havia de saber estimar os filhos da terra, onde elle nasceu, aquelles que o arrancaram do nada, aquelles que, de simples cidadão, fizeram do sr. d. Pedro II um imperador, a primeira autoridade do paiz.

Mas, ainda que isto não bastasse, o sr. d. Pedro II teve occasião de por mais uma vez receber das mãos dos liberaes uma prova de dedicação, quando em 1840 elles o proclamaram maior, e lhe deram, antes de tempo, o governo do imperio.

Entretanto, apesar de tudo isto, o sr. d. Pedro II, julgando que era imperador, em primeiro lugar por vontade divina, e em segundo pela simples abdicação de seu pai, apesar da constituição dizer que todos os poderes são delegações da nação, apesar do exemplo de 7 de Abril, logo que assumiu o poder, tratou imediatamente de arvorar o despotismo como norma de seu governo, de substituir a vontade do paiz pela sua vontade, e de perseguir aos liberaes, aquelles que duas vezes lhe haviam dado o poder, aquelles que o haviam protegido em toda a sua menoridade.

Ha na vida humana factos que se não comentam, porque tudo o que se pode dizer a seu respeito, não servirá senão,

para tirar as vivas cōres com que elles só por si se apresentam. A ingratidão do sr. d. Pedro II para com o Brasil e os liberaes, com o concurso das circunstâncias aggravantes que a rodeiam, está nestas condições.

Receber duas vezes o titulo de imperador de um grande povo, e recebel-o por meio de duas revoluções, sem nada ter feito para merecer tão assignalados favores, e mais tarde, dias depois de ter obtido tudo que uma nação pôde dar a um homem, calcal-a aos pés, cravando-lhe no coração o punhal que mata, e derramando-lhe nas veias o veneno da corrupção que destroea, é na realidade um desses delictos para os quaes o dicionario dos homens não encontra um termo de qualificação.

E tudo isto praticou o nosso imperador, e o fez nesta terra, que, por ser americana, não pôde deixar de ser livre; neste solo, que, conhecendo em primeiro lugar o martyrio, não pôde tolerar por muito tempo o despotismo dos Cezares.

Mas, se o sr. d. Pedro II em vez de rasgar a constituição do paiz, em lugar de desprezar o povo e a causa da liberdade, lançasse fora de seu seio a corte de lisongeiros que o rodeia, e precurasse, como Leopoldo da Belgica e a rainha da Inglaterra, estudar a vontade de seus concidadãos, cumprir fielmente as instituições que nos regem, e de nenhum modo pôr obices ás justas e nobres aspirações dos brasileiros, o sr. d. Pedro II teria feito um reinado sem exemplo na historia das nações, porque nenhum rei ainda obteve a coroa com mais entusiasmo e satisfação de um povo, e nenhuma nação ainda possuio os grandes e ferteis recursos que nós temos, para de um dia para outro assumirmos o primeiro papel entre as grandes potencias, quer desde querido continente europeo.

Mas o sr. d. Pedro II, cerrando os olhos ao brilhante horizonte que se desenrolava ante suas vistas, procurou estreitar o nos pequenos limites de um orgulho mal entendido, insuflado por uma corte de ociosos, e inimiga de tudo quanto é elevado e nobre, e que o tendo compromettido no poder, o ha de abandonar no dia da decadencia.

E' este um facto que a historia todos os dias nos aponta ; tem pois elle inquestionavelmente o cunho da verdade.

A recompensa das boas e das más ações é um princípio que está encarnado na natureza, e que não pôde falhar; o sr. d. Pedro II hede, pois, receber o premio dos serviços que tem prestado a esta terra brasileira; e nesse dia augusto e solene, em que talvez a monarquia desapareça com o imperador, no meio do cataclisma que o sr. d. Pedro II está preparando, é provável que s. m. exclame: « eram republicanos e anarquistas, não podiam, pois, sustentar a monarquia e a ordem », mas o paiz responderá, apontando-o como o unico de seus anarquistas e o mais forte e incansavel soldado da republica.

Forjaes armas, sr. d. Pedro II, para ferir a liberdade, e vos rodeaes de homens que só servem para applaudir o vencedor; pois bem, essas armas servirão contra vos mesmo, e esses homens serão os vossos primeiros e mais encarniçados inimigos.

Quereis um exemplo? não vamos muito longe, véde o que sucede actualmente a Isabel II de Hespanha.

O programma do Centro Liberal

Com o fim de abreviar o mais que for possível a analyse, que prometemos fazer, sobre o programma do Centro Liberal, deixaremos de parte algumas considerações que ainda poderíamos apresentar sobre a sua introdução, para entrar-

nos desde já propriamente em objecto do programma em questão.

Quando encetamos esta serie de artigos, dissemos que o programma do Centro era em demasia deficiente, pelo que não o aceitavam ; e nessa occasião lembramo alguma idéa mais, de que elle não deveria ter-se esquecido, por quanto, ellas representavam principios fundamentaes da escola liberal, e além disto, as circumstâncias do paiz exigiam indispensavelmente a sua realização. Mas deixando agora de parte estas considerações, nós procuraremos mostrar mais alguns pontos vulneraveis do trabalho apresentado pelos nove senadores, que se constituiram o Centro Liberal, e que contêm propriamente o programa, denominado Programma do Partido Liberal.

Em primeiro lugar se apresenta a reforma eleitoral, organizada segundo as bases pouco adeante consagradas no anexo n.º 1.º E' sobre este ponto que faremos hoje algumas considerações.

Diz o mencionado anexo :

- 1.º Eleição directa na corte, capitais e provincias e cidades que tiverem mais de dez mil almas, as quaes constituirão districtos eleitoraes por si sós e com as freguesias que dentro dellas se comprehendem..

O Centro Liberal, proclamando na introdução do seu programma os principios fundamentaes do partido liberal, esqueceu-se completamente da eleição directa, um dos fundamentaes indispensaveis de todo e qualquer governo que se quizer pautar pelos principios de uma verdadeira e sá democracia, e quando no seu programma nos falla deste modo de manifestação do voto popular, não lhe dá a força de um principio, mas o considera como um facto mais ou menos realisavel, segundo a circumstância do numero da população.

Para nós, radicaes, este modo de encarar a questão é completamente falso ; a eleição directa nós a consideramos como a unica legitima; aquella que sómente poderá dar a conhecer verdadeiramente a vontade do povo, aquella que não pôde ser dispensavel em um paiz que quizer dirigir-se por um governo livre e sinceramente representativo.

Tudo o mais, que sahir fóra destas raías, só poderá servir de meios illusórios, com o fim de muitas vezes fazer com que o eleito não seja na realidade aquelle que obteve mais numero de votos, mas um outro que lhe esteja inferior em votação.

Além disto, a eleição indirecta, collocando o cidadão debaixo da tutella do eleitor, por que é este quem elege o deputado ou senador, priva o povo de manifestar muitas vezes a sua opinião, não permitindo que elle vote naquelle que tem de representar, obrrigando-o em certos casos a delinear este poder a um numero de cidadãos, que, de nenhun modo, pôde representar恰lmente o paiz, afim de eleger as suas camaras representativas, donde de se partir todo o governo politico do paiz.

A eleição indirecta é um verdadeiro falseamento do governo representativo, porque vai iludir e desviar de seu verdadeiro território o voto da nação, base primordial deste sistema.

O governo representativo, no dizer dos escritores, é o governo da nação pela propria nação; assim, pois, é preciso que em um paiz, que se tenha de dirigir por esta forma de governo, adopte um sistema eleitoral, que possa dar em resultado, não a manifestação da vontade de meia duzia de homens, mas a de todos os cidadãos que compõem o estado.

Este desideratum só se pôde conseguir com a eleição directa, ainda que não fosse senão pela seguinte consideração :

De duas, uma, ou os eletores, feitos

Cânto
RADICAL PAULISTANO

pela grande massa da nação, votam sempre naquelas em quem ella quer que elles votem; e neste caso o corpo eleitoral é completamente inutil, por quanto, o povo que diz a um certo número de homens, votae nestes ou naquelles para nossos representantes, porque razão não poderá elle mesmo dar o seu voto directamente áquelles que elle quer que sejam os seus representantes? ou então os eleitores podem votar naquelles, em quem o povo não queria que elles votassem, e nestas condições o governo representativo desaparece, porque a nação não se manifestou, mas sim um pequeno numero de individuos, e de um modo contrario a sua vontade.

Assim, pois, a eleição indirecta, ou é um luxo muito dispensavel, ou um falsoamento do governo representativo.

A vista disto, é certo que o Centro Liberal, não considerando a eleição directa como uma das bases fundamentaes do partido liberal, deixou de respeitar uma das principaes, senão a principal condição de vitalidade da escola democratica, e de todo e qualquer governo livre, na verdadeira significação da palavra. E quando trata de realizar esta idéa, fazendo-o de modo, que a coloca sobre a base da população, procede de maneira que a sciença não pôde por nenhuma consideração legitimar.

Quer o Centro Liberal a eleição directa na corte, nas capitais das províncias e nas cidades que tiverem mais de dez mil almas; em todos os outros lugares a eleição se procederá por modo indirecto.

Isto quer dizer que na corte, nas capitais das províncias e nas cidades de mais de dez mil almas haverá eleição, em todas as outras haverá uma farça eleitoral.

Não é este por certo o fim de um governo liberal, nem tão pouco são estas as aspirações da democracia.

Mas qual a razão por que o Centro Liberal quer a eleição directa em certos lugares e em outros a indirecta? quer razão o leva a pensar deste modo? que conveniencia social ou politica o fez abraçar esta restrição contraria a sciença e aos interesses publicos?

E o que nos devia ter respondido a «Reforma» o seu orgão na imprensa, discutindo e applicando o seu programa, e que não fez, entretanto.

O sr. Sayão Lobato

O sr. Sayão Lobato, verdadeiro anachronismo em um paiz que se governa pelo sistema representativo, perfeito fossil dos tempos do absolutismo e da divindade dos reis, procura a todo o custo fazer reviver em uma época de liberdade essas teorias que a sciença já condenou, e que a experiência dos povos já conhecido como inteiramente contradictórias aos seus direitos, e à sua prosperidade.

No meio de tudo isto nós reconhecemos no senador novato uma tenacidade de convicções, que denotaria certo mérito, se não estivesse em oposição com o senso commun.

Querer restaurar o domínio do passado, tentando pôr uma barreira à marcha da humanidade; fazer esforços para reconstruir o sistema, que foi o flagello dos povos, e que estes já condenaram na sua alta sabedoria, é uma dessas aspirações que, tocando as raízes do impossível, vai ferir muito de perto os dictames da boa razão.

Mas o sr. Sayão Lobato é daqueles que não páram, senão quando encontram à sua frente o manto real, aquelle que da condecorações, que faz ministros, deputados, conselheiros e até senadores; e finge nesta estacada s. ex. não trepidar em negar no senado brasileiro a soberania do povo, o que já em outros tempos ousou fazer na camara temporaria.

Há neste modo de proceder, do apregoado Catão do partido conservador, um fundo de ridículo e de contradições, mais digno de dó do que de rancor.

O sr. Sayão Lobato diz que «não consentirá que mãos sacrilegas toquem em um só artigo da Constituição, que é a *area santa* da ordem e da felicidade pública», entretanto s. ex. que tanto se blasona de coerente, que constantemente falla na sua firmeza de convicções e no seu amor e dedicação pela constituição do imperio, é o seu mais incendiado inimigo, é aquelle que, com mais desabrido, tem procurado destrui-la em sua base fundamental; a soberania do povo.

A nossa Constituição diz no art. 10: «Os poderes politicos reconhecidos pela constituição do imperio do Brasil são quatro: o poder legislativo, o poder moderador, o poder executivo e o poder ju-

diciário,» e pouco adiante, no art. 12, diz: «Todos estes poderes no imperio do Brasil são delegações da nação.»

De duas, uma, ou o sr. Sayão Lobato não leu ainda estes artigos da constituição, que diz defender a todo o custo, e neste caso, deve faze-lo, para não continuar a soltar descomedidamente heresias, ou se os leu, não teve a felicidade de compreendê-los, e nestas condições, pôde pedir ao cidadão mais ignorante deste paiz a sua explicação, e elle lhe dirá que estes artigos não fazem mais do que proclamar a soberania do povo, como o princípio fundamental do nosso governo.

E' verdade que essa soberania nunca foi respeitada, e a propria constituição, em outros pontos, estabelece regras que a destroem completamente; mas nem por isso o principio deixa de existir, e o sr. Sayão Lobato, que se intitula soldado do partido constitucional, não pôde, de modo algum, furtar-se à sua obediência e ao seu respeito.

Mas o sr. Sayão Lobato entende as cousas por outro modo; para s. ex. a constituição, bem como todo este vasto imperio se resumem no imperador, e sómente nelle; a nação, no entender do rubro senador, não tem direitos, senão aquelles que se referem às prerrogativas da coroa, e a constituição só deve ser respeitada naquellas partes que dão direitos ao monarca, porque tudo o mais nem é constitucional, nem se quer lei que mereça o menor respeito, e muito menos uma execução qualquer.

Não somos nós quem dizemos isto, é o proprio sr. Sayão no seu impagável discurso, quando, no meio de trovões e raios, soltou a seguinte blasfemia: «a monarchia é o nosso *norte* e a fonte de todas as nossas esperanças.»

O que é pois o povo neste paiz? para o sr. Sayão Lobato nada, porque a monarchia é tudo.

Mas, nem a constituição diz semelhante absurdo; e o que tem o senador em questão com isto? quando para elle tudo se resume no sr. d. Pedro 2º, porque este é o senhor, aquelle que pôe e dispõe das cousas desta desgraçada nação, aquelle que pôde levar o nosso cariaco Catão às altas regiões do poder, que tanto ambiçiona.

E' preciso, pois, incensar o trono, ainda que para isso seja indispensável cuspir na face do povo; o sr. Sayão Lobato tem a coragem de tudo affrontar e de tudo offendrer, quando tem por fim agradar ao sr. d. Pedro 2º, e conseguir as sua ambicões; não trepida por tanto, nem mesmo em face desta circunstancia.

Muitas vezes o apregoado Catão solicitou e obteve o voto do povo, para ser eleito deputado e senador, desejando assim fazer parte de um poder concedido pelo povo; occupa no senado hoje um lugar que o povo lhe deu, ainda que coagido pela força do governo, e no entanto, é este homem que, na occasião em que esmolava ainda o voto do povo, ergueu a voz, para sustentar que a sua soberania era uma mentira, e hoje, que acabou de esmolá-lo, continua a dizer que «a monarchia é o nosso *norte* e a fonte de todas as nossas esperanças», não tendo nem se quer uma palavra, já não dizemos de justiça, mas de gratidão para esse povo que tanto lhe deu e lhe acabou de dar.

E' bom que a nação vá vendo estes exemplos, e que se não esqueça de que elles partem daquelles que vivem quebrando lanças pelo sr. d. Pedro 2º.

A época é da monarchia, o sr. Sayão está pois no seu posto de *honra*, representando um papel importante na grande comédia, pela qual o paiz atravessa, mas amanhã o povo ha de fazer justiça por si, já que o não pôde fazer pelos seus delegados, enchotando da scena os comediantes de hoje; e entao o sr. Sayão Lobato, bem como todos os aúlicos, que acompanham a corte laudatoria do sr. d. Pedro 2º, verão quem é o soberano, se este, se elle.

Política radical

E' das escolas que deve partir a regeneração dos povos.

V. Hugo.

Proclama-se, hoje, com afan, como já, em épocas anteriores, apregoou-se com delirio, a autonomia do individuo, a emancipação do município, a confederação das Províncias e a independencia do paiz.

Grande é, por certo, e nobre, o espírito restaurador de todas estas bellas concepções, como pequenino e frágil o pedestal em que procuram os eminentes

evangelizadores do futuro firmar a obra magnifica da regeneração social e politica do Brasil.

O povo de hoje é base mui diminuta para sustentar com robustez edifício de tão agigantadas proporções.

O fundamento de todas as reformas politicas iniciadas pela democracia, deve ser a moral; os móveis de accão—a tenacidade e o civismo; obreiros—a razão e a vontade; director o tempo; e consequentemente a historia.

E' em nome do povo e para o povo que o esforçado partido radical só ergue-se, e altaneiro exige, com a auctoridade inabalavel das puras consciencias, reformas importantes, reformas salutares, que mantinham e resguardam os verdadeiros princípios democraticos, tão vilipendiados pelas oligarchias partidarias, e pelas dictaduras despoticas.

Respeitamos sinceramente as nobres aspirações dos denodados propugnadores do radicalismo.

Somos radicais tambem; combatemos pela victoria dos mesmos princípios; nutrimos com firmeza imperturbável as mesmas crenças, e descançamos confiados á sombra do mesmo standarte.

Temos, pois o direito de perguntar aos novos batalhadores, á face do paiz interior:

Que povo é esse pelo qual nos movemos?

D'onde vem elle?

Quais são as suas ideias?

Que crenças tem?

Nos certames politicos, como nas lutas sanguinolentas dos campos de batalha, deve preceder ás pugnas que abrem caminhos invios ás laureadas victorias. um plano de campanha maduramente considerado.

Para as batalhas arregimentam-se os individuos, com os quaes, convenientemente instruidos, formam-se os batalhões disciplinados, os corpos de guerreiros e os grandes exercitos invenciveis.

Nas justas politicas deve dar-se a mesma reflectida previdencia; e sobre tudo ter-se conhecimento íntimo da força moral dos correligionarios de hoje, que serão os paladinos homéricos de amanhã.

Nós que somos uma fracção do povo, que lutamos corajosamente pela defesa da nossa propria causa, devemos conhecer a fundo os nossos irmãos de sacrificios.

O povo brasileiro, digam-lo com franqueza e sem injuria, é ignorante.

E' um agregado de entes sem vida; uma especie de arma terrivel, da qual, em todos os tempos, se hão servido os chefes dos partidos dominantes, para impôr silencio aos caracteres distintos, que se tem revoltado contra a prepotencia e contra os desmandos infrenos do poder.

A simples inversão dos automaticos manequins policiais, e da agalhada alcaldaria da Guarda Nacional, só por si, é bastante para mudar de chofre a feição politica d'este vastissimo imperio!

E' um povo que se deixa governar pelos aguazis impudicos do imperialismo, e que se curva humilhoso na presença de alvares inspectores de quarteirão; que consente em ser por elles manietado, como besta ou escravo fugitivo; que cruza os braços perante o assassinato barbaro de seus filhos, perpetrado alta noute, dentro do proprio lar domestico, pela auctoridade insana e esmoladisa, que sofre paciente, no sagrado recinto de sua habitação, os ataques cynicos da infamia legalizada, contra a honra das esposas e o pudor das filhas; e que vem mais tarde querelar de taes torpezas aos seus despejados algozes!

A grandeza dos povos, como a dos individuos, tem a sua origem no berço; porque é no berço, e com a infancia que começa a obra edificadora da educação.

O povo brasileiro teve desgraçadamente por berço de sua moral os carceres tenebrosos do Limoceiro; para exemplo de costumes a historia criminal dos seus maiores; por escola doctrinal a crapula descabellada da dissoluta fidalguia lusitana; e por mestre na politica, a devassidão dos governos, que ainda perdura em pleno domínio.

Tal é o povo brasileiro, administrado directo do esplendidio governo da unica monarquia americana.

Será com este povo, instruido, ha perto de cincuenta annos, pelos chefes dos partidos militantes, adoradores servis do bourbonismo será com este povo, perguntemos, que travaremos luta contra o cezanismo fortificado?

Não.

Construamos com cuidado a larga base

do vasto edifício, que pretendemos levantar.

Com o facho da verdade em punho espanquemos impavidos as tréas da ignorância condensadas pelos pregoeiros do erro.

Combatamos a peito descoberto a imoralidade com as armas inquebráveis da virtude,

Lavemos a lepra moral, que dilacera a grande alma d'este infeliz povo, nas fontes crystalinas do evangelho.

Mergulhemos as praticas sinistras do governo do imperio nas aguas lustrosas do Jordão da democracia.

Novos Baptistas embrenhemos-nos pelo laborioso deserto da meditação; eduquemos cuidadosamente o povo, longe dos olhares deleterios do hydroptico Pharaó de São Christovam.

Lembremo-nos de que, sem um grande povo, jamais poderemos gozar de grandes instituições.

Invidemos esforços para a fundação de um governo democratico; porque não será o imperialismo nem os seus deslumbrados adoradores, por certo, quem ha de preparar o povo para a magna felicidade social.

Nos livros magnificos da historia sagrada delettremos as lições sublimes que legou-nos o Genio fundador da liberdade moderna e incetemos resolutos a nosso difícil perigrinação aos paramos felizes da moderna Canaan.

A civilização, como todas as obras supremas do Creador, prosegue vigorosa, deixando apôz si os séculos, as lendas e os monumentos, e guiando a frente o plauso tardio do progresso, e rasgando cimeira o esplasto immenso do porvir.

Os povos, á similitude dos oviparos, rompem á custo a clausura espessa da ignorância que os detém nesses ninhos vastíssimos, em cuja superficie o despotismo inscreveu a palavra—contrariação.

Os tribunos sinceros, prophetas inspirados da nova religião politica marcham na vanguarda dos modernos Israelitas, que vam caminho da escola.

A escola é a promissão dos povos que aspiram a liberdade.

Os publicistas abatem a imprensa ao nível das mais humildes concepções, e, por meio do jornal, espargem as sementes do evangelho da democracia.

O angulo facial do povo dilata-se; os cerebros illuminam-se, os servos nobilitam-se; os Spartacus emancipam-se; o astro ensanguentado dos Cezares obumbrava-se nos amplissimos declives do oceano; as monarchias enblam-se; e os Estados purpuream-se com as galas da aurora, porque o maravilhoso mistério da regeneração dos povos aproxima-se.

Ne seio do infinito paira sobranceiro o Archanjo da liberdade, e á sombra de suas azas eburneas quebram-se as algemas dos escravos e incendeiam-se os cidadãos reaes.

Marchemos, pois, caminho do deserto.

Para nós o deserto é a escola; e é das escolas, disse o immortal evangelista da democracia que deve partir a regeneração dos povos.

PHILODEMO.

COLLABORAÇÃO

Antes tarimbas que escolas

Propagação de luzes, reformação de costumes, clamam por toda a parte os philosophos; e por toda a parte os despotas e seus astilites tractam de corromper os costumes e impedir a propagação das luzes, deixando pegadas nas fuentes onde o povo vai beber; e assim, onde elle busca a triaga, ali encontra o veneno.

ALFIERI

Admiram-se e espantam-se maravilhados muitos sabios politicos, da civica energia da nossa linguagem para com os eminentissimos chefes do grande partido liberal, sem que porém, a despeito da boa fé que os anima, façam praça da franqueza e sinceridade, que sempre manifestamos em os nossos escritos e discursos.

Os que se espantam e admiram-se da nossa temeraria ousadia, são os Archanjos poéticos do liberalismo; as almas candidas e ingenuas; os lyrics hymnographos do immaculado governo imperialissimo do Brasil.

Os portentosos coripeus do partido liberal, na tribuna do parlamento e pela imprensa teem explicado, com força de autoridade,—que a ingenuidade em politica é a manifestação de certa especie de idiotismo.

Nós, porém, rejeitando cautelosos a explicação dos chefes, apesar de doura-

poder, que dirige os seus negócios, e procura depô-lo por meio da força, elle não faz mais do que exercer um impetuoso direito de defesa, oppondo uma contrarrevolução à revolução do governo, que abusou da lei, que oprimiu o cidadão e que sacrificou o paiz.

Não é, pois, o povo o revolucionário, é o mau governo que o tenta aniquilar, roubando-lhe a vida, a dignidade e a segurança.

Nós, radicais, ainda não conhecemos os fastigios do poder, nem, tão pouco, temos pessa em lá chegarmos, não nos cabe, por tanto, esse título injurioso, com que nos procuram mimosear os arautos do absolutismo, os sectários da infallibilidade e da missão divina dos thronos.

Vós, srs. conservadores, a quem foi entregue, e continua a ser, os destinos deste paiz, vós, que vos tendes saciado no seo governo, que tendes feito da liberdade do cidadão brasileiro um ludibrio, dos seus direitos uma escandalosa mentira, de sua dignidade um joguete e de sua fortuna um objecto de divertimento, sujeitando-a aos caprichos e ás vaidades do vosso divino senhor, é que mereceis o epithetos de revolucionários, inimigos da paz, da ordem e do bem estar desta infeliz sociedade. Não queríais, pois, imputar aos outros, aquillo que, por todos os títulos, vos pertence, deixai ás victimas o seo papel de martyres, e reservai para vós o de alzores. Dai a cada um o que é seo; respeitai aos mestres este princípio jurídico.

Vós sois os revolucionários, nós os infelizes pacientes que sofremos todo o peso das nossas perseguições e tyrannias restando-nos, em face dos poderes absolutos que vos rodeiam, um unico direito, o de fallar e escrever; nada mais. E a existência deste direito ainda é, no vosso pensar, uma generosa concessão que nos fazeis, e que amanhã, por um capricho radical no Brasil,

As promessas fallazes, os enganos, os partidos fementidos produziram uma incredulidade geral, e dessa incredulidade, e da necessidade de salvar o paiz de uma ruina certa, nascem a fundação desse partido radical, que se vai constituir em todas as províncias deste continente americano.

Para darmos uma prova evidente do direito que assiste a todos os cidadãos de valerem pela salvação do paiz, vamos referir aqui o quadro da receita geral do exercicio de 1868-1869, extraido dos balancos existentes no tesouro nacional, determinando as quotas especiais com que concorre cada uma das províncias.

PROVÍNCIAS	
Município da corte	36.056.000.460
Rio de Janeiro	924.713.158
Espirito Santo	72.336.313
Bahia	8.468.390.997
Sergipe	440.223.124
Alagoas	713.584.709
Pernambuco	7.125.557.099
Parahyba	655.616.183
Rio Grande do Norte	304.548.864
Ceará	1.426.043.373
Pianhy	295.245.800
Maranhão	2.154.941.897
Para	3.642.056.495
Amazonas	58.175.958
S. Paulo	2.971.580.818
Paraná	484.964.771
Santa Catharina	259.016.949
S. Pedro	3.512.807.810
Minas	689.157.051
Goyas	35.616.226
Matto-Grosso	58.546.788
	73.359.119.843

Eis aqui as quantias com as quais as províncias concorrem para o tesouro nacional anualmente, salvo pequenas diferenças.

Não terão essas províncias razão quando reclamam o direito de empregar os seus rendimentos em seu proprio benefício?

Não terão direito de reclamar a sua autonomia?

Não terão direito de exigir promptamente a liberdade eleitoral e dos cultos, a liberdade do ensino, abolição dos privilégios, a supressão do poder moderador, a abolição da escravidão, a criação da industria, da navegação e do commercio nacional?

Não deverão exigir que se despedacem de uma vez para sempre os grilhões do despotismo, que o povo tenha direito de gozar o fructo de seu trabalho?

(Da Opinião Liberal).

COLLABORAÇÃO

Grande erro

Grande erro! sob esta epígrafe aparece na corte um artigo do sr. Alencar de Araripe, fundamentando a existência do poder moderador—no Brasil.

O articulista do Diário do Rio entende

rios, não só do vosso paiz, como também os revolucionários das nações.

Deixai, pois, a tribuna dos accusados,

o vosso lugar é o banco dos réos;

deixai de fallar em ordem e na paz da nação, porque vós sois os maiores anar-

chistas deste paiz e os seos mais encar-

niciados revolucionários.

Dia virá em que o povo e a historia vos

façam justiça; a providencia não desam-

para as suas criaturas, e nós esperamos

por ella.

que a unica ponte da existencia para as pessoas regias é o poder moderador; que arrancando esse manancial de vida é decretar a morte da realeza como conse-

quência de sermos republicanos.

Quando mesmo, sr. Alencar de Araripe,

fosse isso verdade, nem por isso creio

que o nome de monarchista seja mais

honroso do que o de republicano.

O nome de um governo pouco importa

desde que seus subditos sejam felizes e

seus direitos garantidos.

Se é difficult tentar-se plantar a republi-

ca na Ásia onde a vontade do rei torna-

se unica lei viva, a sustentação das dou-

trinas monarchicas na America parece

um esforço só devido à tenacidade de

alguns.

Se um principio anomalo muitas vezes

pairos sobre um paiz não é isso razão de

sua aceitação.

O principio republicano é na America

a unica condição de sua firmeza.

O Mexico—essa república americana

mostrou ao mundo que em suas veias

girava o sangue da liberdade, as tropas

francesas por vezes repelidas levaram

como testemunho de sua afontosa o caba-

ver ainda quente de um monarca.

O estado contristador da princesa Car-

lota, apontando de continuo para o Mexi-

co, mostra bem alto que os bastidores levan-

tados por um povo livre podem superar as

ordens desenfreadas dos governantes.

Pouco nos importa a fórmula, com que o

despotismo se cubra. República ou monar-

quia, não o aceitaremos desde que não

represente a vontade nacional.

O principio de educação governamental

influe de tal modo no animo do povo,

que a sua alteração não seria feita sem

algum abalo, porém, isso em nada impor-

ta com a supressão do poder moderador,

elle que longe de neutralizar os outros

poderes avassalla-os na sua fiscalização.

Diz o sr. Alencar de Araripe: na verda-

de pense-se sobre a essencia da autorida-

de real, abstraia-se da fórmula monar-

chia, a faculdade de decidir em ultima

instancia dos grandes interesses do Esta-

do, e vér-se-ha que não ha força alguma

no principio da realeza, embora haja

esse rei que reina, mas que não governa.

Para o sr. Araripe não ha nada que

mai o encomende que a maxima o rei

reina, mas não governa.

Das doutrinas do articulista, conclue-

se que nada pôde ser para o paiz melhor

do que uma fiscalização geral por parte

do poder moderador, poder-fiscalização,

que em si tradusa ultima vontade.

Já se foi o tempo, sr. articulista, em

que o povo só acostumado a viver em

seus pequenos nucleos ignorava o que lhe

dizia respeito. Hoje já conhece seus

direitos, e a sua applicação é uma neces-

sidade inevitável.

Por mais que o governo tente emmude-

cer a voz do povo ella será sempre ou-

viva e sua vontade será a lei de seus

passos.

Essa suprema vigilancia do poder mo-

derador em nada sanciona a sua inter-

venção franca e formal na politica do

paiz com prejuizo do estado e dos inte-

resses individuaes.

Esse equilibrio, de que falla o art. 38 da

constituição, não quer dizer subordina-

ção dos outros poderes, mas poder neutro

e contrabalançador.

Mas quando esse poder ultrapassa os

limites de sua raia, sendo elle em si ir-

responsavel, é necessário que encontre

no povo, unica fonte do poder, um para-

deiro aos seus desmandos.

A sessão de 16 de Julho é uma prova

bem frigante de tal desacato; não se faz a

ella a applicação do art. 101.

Nem nos chamem de desordeiros é

oppositionistas incostitucionais, pois, é

baseado sobre essa lei politica que fun-

damentamos a nossa argumentação, ar-

gumentação que em si não quer dizer,

acabar com o poder moderador é extin-

uir a realeza e a monarquia.

A oposição estancia-se nas raias

constitucionais, ella não procura só

impedir os desvios do governo, leva mais

alto suas vistas—ella quer a supressão de

um poder, que longe de beneficio ao esta-

do, longe de neutralidade aos outros

poderes, apresenta-se com toda força e

apparato amedrontando o povo e cegan-

do por seu brilho o proprio governo.

A oposição não descarrea-se da senda

do direito—ella só quer a realização de

seus fóruns populares, a felicidade do seu

paiz.

S Paulo 28 dc Julho 69.

que derramado, terrível para todos; e por minha parte dou graças a Deus por não ter de viver para presenciar estas horríveis scenas.

« Os problemas politicos e sociais chegaram a um ponto tal de urgencia, que as nações serão d'aqui em diante fatalmente arrastados a resolver tudo, suprimindo tudo.

« Mas, solução e supressão, são duas causas diversas e as questões que hoje surgem subsistirão, apesar de todos os esforços que se fizerem para removê-las.

« Só quando a nova geração que a Europa traz agora em seu seio, tiver envelhecido e ganho tanta prudencia quanta seja suficiente para resolver e vencer todas as dificuldades, só então a republica do bem estar geral, poderá restabelecer a paz e a boa ordem na sociedade.

« Sois moços, acrescentou elle conculindo, mas, embora vivas longo tempo e vos torneis velhos, apenas assistireis ao prologo da civilização do futuro.»

Transcrevemos estas linhas, porque elles contêm verdades que se podem aplicar perfeitamente ao nosso infeliz e esperançoso Brasil.

Policemos a polícia — Lê-se na *Opinião Liberal* o seguinte:

« Admiremos a ilustração e criterio do sr. dr. Fontes, digno subdelegado da freguezia da Glória!

Um pretinho escravo, menor de 6 annos, feriu com uma pedra a face de uma outra criança.

A destemida polícia da freguezia pôs-se logo, em agitação e conseguindo prender o criminoso fez-o recolher a detenção e iniciou contra elle processo por crime de ferimentos.

Depois de 5 dias, mais ou menos, de prisão reconheceu o sr. dr. subdelegado que os menores de 9 annos não são processados e mandou soltar-o. Mas quando e como?

Depois que a criança, la na instructiva e moralizada detenção, onde esteve presa, quebrou um braço e nesse lastimoso estado foi entregue a seu senhor!

E' preciso policiar constantemente essa polícia dos srs. José de Alencar e Xavier de Brito, de exequista memória.»

E' na corte do imperio que se dão escândalos desta ordem!

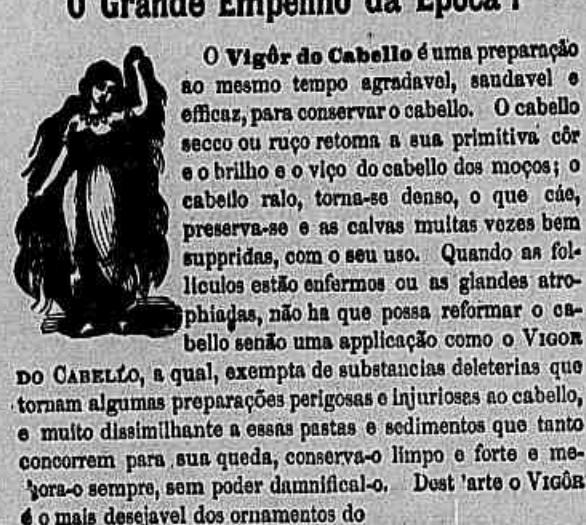
O que não irá pelas províncias!

Radical Paulistano — Em virtude de ter havido na semana passada grande numero de trabalhos na typografia, onde se imprime o nosso jornal, não pôde elle sahir no dia marcado.

ANNUNCIOS

Vigor do Cabello, DO DR. SYER, Para renovação do Cabello.

O Grande Empenho da Época!



TO CADÔR.

Elle não contém óleo, nem tintura; não é capaz de manchar nem o mais alvo lenço de cambrilia; perdura no cabello, dá-lhe brilhante lustre e esparsa-lhe agradável perfume.

Depósito geral no Brasil

H. M. LANE, 15, rua Direita.

ÚNICO AGENTE.

DEPÓSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46.

Elixir Odontalgiico Vegetal, para curar as dores de dentes as mais agudas, instantaneamente. Vidro 2^o

Rua Direita n. 46. 10-10

O ADVOGADO

LUIZ DE OLIVEIRA LINS DE VASCONCELLOS

Tem seu escritorio à rua Direita n. 1. 10-3

Fabrica a vapor

DE

GENUINO CAFÉ MOIDO

30-RUA DIREITA-30

Café bom.	arroba 7 ^o 000 libra 240 rs.
Dito superior.	arroba 9 ^o 000 libra 320 rs.
Dito extra-superior.	arroba 10 ^o 000 libra 400 rs.

Aproxima-se qualquer encomenda com brevidade.

15-7

MOSSELINE em peças, francesas, largas, a 460 o covado.
PERCALLES em peça, de Molhouse, largas, a 560 o covado.
CHITAS claras e escuras, muito largas, a 320 e 400 o covada.
RICOS cortes de cassa, em peça, a 8^o000.
VELAS DE COMPOSIÇÃO legitimas francesas, caixa de 25 pacotes de 1 libra 19^o000, 1 libra 780. rs.

CALÇADOS

Homens, botinas 7^o000 até 10^o000

Senhoras

Botinas brancas ricamente enfeitadas, duzia 84^o000, par 8^o000.

Botinas de cōres settim, francesas, enfeitadas,

duzia 72^o000, par 7^o000.

Botinas de cōres, settim francesas, com laços,

duzia 64^o000, par 6^o000.

Botinas pretas, settim francesas, gaspeadas,

duzia 64^o000, par 6^o000.

Botinas pretas, e de cōres, duraque, lisas, du-

zia 54^o000, par 5^o000.

MENINAS

Botinas pretas, settim francesas, gaspeadas, du-

zia 54^o000, par 5^o000.

Botinas de cōres, settim francesas, ricamente

enfeitadas duzia 60^o000, par 6^o000.

Botinas brancas, settim francesas, ricamente

enfeitadas, duzia 72^o000, par 7^o000.

Botinas pretas, e de cōres de uraque e lisas

duzia 48^o000, par 4^o500.

Papel e tintas

Caixinhas de papel de 20 cadernos e envelope

à 1^o500.

Tintas e lapis pretas e de cōres.

Cartas de jogar a 320 o jogo.

11

Drogaria e pharmacia allemã

RUA DO COMMERCIO N. 36.

O proprietario deste estabelecimento participa ao respeitavel publico desta capital, e principalmente aos srs. doutores, boticarios, fazendeiros do interior, que recebeu, recentemente em diretoria de Hamburgo, um grande sortimento de drogas, produtos chimicos, e utensilios para botica, e está no caso de fornecer tudo pelos preços do Rio.

Garante-se a boa qualidade das drogas, e promete-se prompta execução de qualquer encomenda.

GERMANO HUSER. 8-7

Liquidation

M.me Duccos tencionando retirar-se para a França, participa ao respeitavel publico que procedendo à liquidation da sua casa de negocio, VENDE TUDO COM GRANDE ABATIMENTO DE PREÇOS, tanto em porção como à varejo, e com muito grandes vantagens a qualquer pessoa que queira comprar tudo para continuação de negocio.

Au Gagne Petit

6-5

Theatro de S. José

ASSOCIAÇÃO DRAMATICA PAULISTANA

ALTA NOVIDADE DO DIA!

O PODER DO OURO!!

Domingo 1 de Agosto de 1869

GRANDE SUCESSO

Subirá à scena o maravilhoso drama em 4 actos, intitulado:

O PODER DO OURO!!

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

1º ACTO

A seducação e a partida para o Brasil.

2º ACTO

As victimas dum cynico

3º ACTO

A miseria no lar doméstico e a volta do Brasil.

4º ACTO

O que é o—Poder do Ouro!!

PERSONAGENS:

O commandador Francisco Vieira, ex-aprendiz de fogueteiro, por ultimo Visconde de Gondomil. Sr. Ferreira Albuquerque. Manoel Vieira, seu pai, ex-fogueteiro, depois commandador Vieira... Sr. Domingos Costa. José Vieira, seu tio, ex-negociante de bacalhau e cominhos.... Sr. Corrêa Vasques. Joaquim Ribeiro, carpinteiro..... Sr. Leal Ferreira. João Ribeiro, seu filho.... Sr. Augusto filho. O Marquez do Seixal.... Sr. Paulo Petit. O Barão de Gondomil.... Sr. Antonio Pereira. O conselheiro Mascarenhas.... Sr. Augusto Montan. O tabellão Monte-Verde.... Sr. Antonio Corrêa. Jorge.... Sr. Veiga Cabral. Margarida, filha de Joaquim Ribeiro..... Sra. D. Francisca Deolinda Mariana, sua mãe.... Sra. D. Balbina Montan. Juila, filha do Marquez.... Sra. D. Rita Leal. Um menino de 5 annos, criados, etc. A accão passa-se na cidade do Porto.

O drama é posto em scena com todo o capricho.

Racebam-se encomendas de camarotes, no escriptorio do teatro.

Typographie Imparcial

E. B. Schaar

Esquina da rua da Imperatriz e da travessa do Colégio

GRANDES NOVIDADES PARISIENSES recebidas pelos ultimos paquetes ingleses e franceses, e directamente pelos vapores Galileo e Donati.

RICOS Fichus Marie Antoinette, guipure, Cluny, tulle branco e preto, musselina, bordados, de 7^o500 até 15^o000.

CORPINHOS dito dito, de 5^o000 até 10^o000.

SAIAS ricamente bordadas.

COLLARINHOS E MANGAS brancas bordadas e listradas, de cōr de 3^o000 até 6^o000.

BALOES reguladores parisienses, branco e de cōres.

CHAPEOS ricamente enfeitados.

CORTES de vestidos de foulard, seda pura, listradas, e outros desenhos a 40^o000.

CORTES de vestidos de turlatana, com bordados de metal, tecidos, e com intremitos, para casamentos ou bailes.

TARLATANAS brancas e de cōres, ditas chuva de brilhantes, com tecidos de malte e de chrystal, ás varas.

SETINS PARANA', riscados de diversas cōres, aos covados.

ALPACAS de diversas cōres, a 800 rs. o covado.

DITAS riscadas, ditas de 800 até 1^o000.

CORTES de vestidos de chita, á disposição, com duas saias.

GRAVATAS a Rocambole, de setim e tafetá de cōr.

LAN, chamadas a Rocambole a 700 o covado.

DITAS Victoriosas, dita de tafetá preta etc.

DITAS para senhoras.

FITAS de Tafetá, e de settim.

Camisas de homens

De morim, modernas a 20^o, 24^o000 e a 30^o000.

Ditas com peito, colarinho e punhos de Irlanda de linho a 48^o000 até 60^o000.

perfumaria

Depósito das casas VIOLET, PIVERT e BLEUZE de Pariz.

AGUA FLORIDA legitima de Murray e Lamman de New York 1^o300 a garrafa e 12^o000 a duzia.

AGUA DE COLONIA (etherée) contra as nraigias, dores de cabeça e de dentes.

VINAGRE d'Iris, violeta para tirar sardas e outras manchas do rosto.

OLEO de Babosa, legitimo.

SABAO FINO de Thridace Sue de Laitrie.

DITO de Familia, grande modelo a 4^o200 a duzia.